OS VIDROS, ESSES DESCONHECIDOS

A música do vidro: grupo Sons Vítreos transforma ciência em inclusão

Imagine o som suave de um vidro tocado com precisão. Notas cristalinas ecoam dos instrumentos feitos de vidro, criados de forma artesanal, e tocados por músicos talentosos. Assim é a apresentação do grupo musical "Sons Vítreos", que reúne, em sua maioria, pessoas com deficiência visual, tocando instrumentos tão especiais quanto suas histórias.

O “Sons Vítreos” nasceu em 2016 como parte do Núcleo Ouroboros de Divulgação Científica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a partir do Programa Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O grupo une músicos profissionais e amadores, e vai além da música: também une ciência e acessibilidade, usando o vidro como ponto de conexão. Os instrumentos são cuidadosamente desenvolvidos pelo hialotécnico Ademir Sertori, que trabalha na oficina de vidraria do Departamento de Química da UFSCar.



Figura 1: grupo “Sons Vítreos” se apresentando no Congresso “Public Communication of Science and Technology” em Roterdã, na Holanda, em abril de 2023.

O processo de criação dos instrumentos vítreos exigiu não só habilidade técnica, precisão e conhecimento profundo do material, mas também sensibilidade para criar peças adequadas às demandas do grupo, proporcionando uma experiência tátil e auditiva única aos integrantes. Diferente de metais ou madeiras, o vidro tem uma ressonância que oferece uma experiência sensorial quase etérea, e isso transforma o "Sons Vítreos" em algo que o público não só escuta, mas sente.

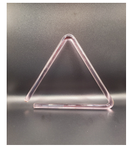


Figura 1: Triângulo de percussão feito de vidro

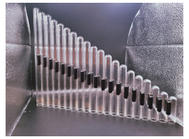


Figura 2: Flauta Pan feita de vidro

Para o grupo, cada ensaio e cada apresentação é uma oportunidade de transformar o palco em um espaço de inclusão e superação. Rosemeire Alves da Silva, uma das integrantes, é um exemplo. Nascida prematura, ela perdeu a visão ainda bebê, mas nunca permitiu que essa condição limitasse sua trajetória. Ela iniciou seu envolvimento com o Núcleo Ouroboros por meio de uma consultoria de materiais para aulas acessíveis e, desde então, apaixonou-se pelo projeto. "Amo fazer parte dos Sons Vítreos! É desafiador, mas é incrível. Sempre aprendemos coisas novas e ensinamos algo para os outros", afirma.

Apesar da falta de prática inicial, Rose agora se destaca pela dedicação ao tocar o triângulo. "No começo foi um grande desafio, mas sou focada e hoje em dia consigo tocar tranquilamente. Nossas experiências tocando são muito boas, tanto no Brasil quanto fora do país", relata.

O grupo se apresentou não só no Brasil, mas também em palcos internacionais, como na Nova Zelândia e na Holanda, onde Rosemeire e os colegas viveram experiências inesquecíveis. "A receptividade ao nosso grupo foi incrível, o pessoal gostou muito", conta ela, emocionada. Para Rose, o espírito de unidade e crescimento mútuo torna as apresentações marcantes, tanto para o público quanto para os músicos. “Somos um só. Tocamos juntos, aprendemos juntos", diz Rose.

A professora Karina Omuro Lupetti, fundadora do Sons Vítreos, compartilhou os bastidores do surgimento de uma iniciativa inusitada: a criação de instrumentos musicais feitos de vidro, que resultaram na formação de um grupo musical.

“Em 2016, o Laboratório de Materiais Vítreos (LaMaV) idealizou um workshop em comemoração aos 40 anos de sua fundação, no qual instrumentos de vidro seriam pensados e desenvolvidos”, relembra Karina. “A ideia era utilizar taças de vidro e instrumentos produzidos pelo hialotécnico do laboratório, o Ademir, pensando na brincadeira acústica e na física dos vidros. Para ajudar a desenvolver a ideia, chamamos um luthier, o físico de acústica do Departamento de Física, e músicos da comunidade acadêmica e do grupo ‘Olhares’.”

Entre os instrumentos criados, destaca-se o berimbau de policarbonato, um material com propriedades vítreas. “O coordenador do CEPID, professor Zanotto, tocava berimbau na época, então propomos fazer uma versão em policarbonato. A criação dos instrumentos se deu a partir da reprodução exata de modelos já existentes, desenvolvidos pelo hialotécnico Ademir em parceria com o luthier Marcel,” explica a professora.

A lista de instrumentos de materiais vítreos inclui chocalhos, triângulos, caxixi, ovinhos, xequerê, pau de chuva, flauta doce, carrilhão e piano. Atualmente, a orquestra conta com dez a doze integrantes, entre membros da comunidade interna e externa da UFSCar. “Oito dos integrantes possuem deficiência visual”, destaca Karina, evidenciando o caráter inclusivo e colaborativo do projeto.

O projeto, além de unir ciência, arte e inclusão, é um exemplo de como a interdisciplinaridade pode gerar resultados inovadores, transformando o vidro em som e criando uma experiência única para músicos e público.